
MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações.** São Paulo: Global, 2009.

ÁFRICA: UM CONTINENTE COM MUITAS FACES

AFRICA: THE CONTINENTE WITH MANY FACES

*Fabio Antonio Costa**

Palavras-chave: África, escravidão, cultura africana.

Keywords: Africa, slavery, african culture.

A África é o artista ioruba e o senhor tutsi, o mecânico de Burkina Fasso e o professor de Ilé-Ifé, o pastor fula e o pintor de Kinshasa, o caçador mbuti e o guerreiro nuer, o comerciante de Dacar e o operário de Luanda (MUNANGA, 2009)

A obra *Origens Africanas do Brasil Contemporâneo* do Professor Doutor em História Africana, Kabengele Munanga (USP), apesar de pouco extensa e se assemelhar a um estudo principalmente didático, é uma importante obra que esclarece sobre questões abertas e atuais acerca do continente Africano e seus povos, transitando em campos como História, Arqueologia e Geografia.

Dividida em cinco capítulos em pouco mais de cem páginas, a obra conta com mapas, fotos, ilustrações e glossário de palavras. O autor aponta a complexibilidade e diversidade do tema e são ressaltadas as contribuições do negro no Brasil e a correção de injustiças históricas na História internacional que os povos Africanos sofreram, assim como enfatizado em seus outros livros. São também aprofundadas as imagens construídas acerca da África; no século nove com viajantes Árabes e no século quinze com viajantes Europeus (antes da era colonial) a imagem construída tendia em muitos casos a ser positiva, como nos relatos de Leo Fronebius (1906). Momento que pode ser considerado como destruidor de qualquer imagem de uma África próspera, a Conferência de Berlim (1885), associava a África ao atraso, selva, fome, guerras, doenças etc., com seus povos tornando-se sem cultura, sem história, sem identidade, reinos ou impérios.

No primeiro capítulo (Divisões geopolíticas do continente Africano e suas ilhas) são exploradas as atuais divisões políticas do continente, puramente invenções históricas coloniais. A África do Norte (ou Magreb, que atualmente

equivale às regiões da Tunísia, Marrocos e Argélia) é conforme os interesses, chamada de África Branca ou Árabe. Também são destacadas as áreas com população Eurodescendente, como existente em países como África do Sul, Zimbábue, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe etc.

O capítulo dois (Sociedades, civilizações e culturas Africanas) inicia com o estudo da etimologia da palavra África; que compreendia a atual Líbia para os Gregos e Tunísia para os Romanos, sendo que para esses últimos Afri era o nome dado para Cartago, também significando a ideia de calor, fogo ou ausência de frio. Gravitando pelo ramo da Arqueologia, Munanga afirma que os seres humanos teriam origem no continente Africano e não na Ásia ou Europa, como pensadores como Friedrich Hegel erroneamente pensaram. Acerca da variedade de povos no continente, cinco grupos são considerados os maiores: Melano-Africanos, San, Khoi-Khoi, Pigmeus e Etíopes, separadas quatro grandes famílias lingüísticas: Afro-Asiático, Khoi-San, Nilo-Saariana e Níger-Cordofaniana, além de uma quinta mais recentemente estudada, a Malaio-Polinésia de Madagascar. Munanga esclarece da diversidade, mas que possui linhas fundamentais comuns aos povos Africanos. Essa diversidade pode ser compreendida em uma fisionomia comum, gerando certa unidade na constelação, a Africanidade, como explica Munanga; “a Africanidade é esse rosto cultural e único que a África oferece ao mundo”. Outras variedades, como os Dravidianos e Melanésios, negros localizados na Ásia ou o Magreb, região que sofreu contatos de vários povos, é considerada integrada ao continente Africano, mas não de certa maneira a Africanidade.

Outro ponto levantado pelo autor refere-se ao sol e calor presente nos trópicos, mas que mesmo por isso nem todos os povos que recebem esse sol e calor são considerados integrados a Africanidade. Outro tópico importante é referente à questão da morte; aos povos Africanos a morte faz parte do círculo vital, ou seja, ela não prejudica a vida, a morte então é transformada em vida através de festas ruidosas que afastariam a negatividade. A família é matriarcal, tendo a mulher um papel de destaque na sociedade, diferente do conceito do berço nórdico, como na Grécia e Roma, sociedade patriarcais. A poligamia é admissível e desejável no velho continente, mas não em todas as sociedades. São várias as formas de governo, como chefia, reino e império, onde o que prevalece sobre todas são os laços de sangue ou parentesco; se o monarca ficar doente o grupo todo estaria ameaçado, pois normalmente o conceito moderno dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) estão concentrados nele.

O autor define também dois conceitos: Negritude como uma posição intelectual que gera uma civilização em comum e Pan-Africanismo como a posição política que geraria lutas conjuntas. São também estudadas duas visões atuais acerca do continente, a primeira, otimista, que via na África um continente que a tudo resistiu e a segunda, pessimista, que a África foi desmantelada e perdendo seus costumes e religiões. Segundo Munanga, as

duas visões estariam equivocadas, como nos vários exemplos apontados por ele, como os médicos tirando a posição dos adivinhos ou a baixa intervenção da industrialização das aldeias e campos, sendo que as maiores mudanças ocorrem nas cidades mais propícias ao mundo global. As religiões da África atualmente sofrem justaposições pela necessidade de africanizar-se, e segundo o autor *“em qualquer situação de crise, o protestante, católico ou muçulmano pode ir à aldeia para conversar com seus deuses”*.

No capítulo três (Aspectos históricos) inicia-se um estudo arqueológico. Pelas atuais disciplinas biológicas, a África seria o berço da humanidade, que teve seu início na Montanha da Lua, em um dos nascentes do Rio Nilo no Vale da Grande Fenda (atuais territórios da Tanzânia, Quênia e Etiópia). Por volta de 1,5 milhões de anos atrás as altas savanas Africanas eram consideradas o Éden no hostil clima do planeta. Das civilizações antigas, sendo que algumas se localizavam na África, a do Egito Antigo destaca-se. São apresentados argumentos acerca dos aspectos físicos das pessoas do Egito como nos relatos dos Gregos e Romanos; algumas personalidades como Heródoto, Aristóteles, Luciano (escritor), Apolodoro (filósofo), Estrabão, Diodoro de Sicília, Amiano Marcelino (historiador) e Volney (cientista), em seus relatos todos afirmam sobre os traços negros que os Egípcios possuíam, diferente do que é encontrado em relatos posteriores. No Egito Faraônico, das trinta dinastias entre 3300 a.C. e 333 a.C. as primeiras vinte e cinco foram legitimamente negras, sendo somente em 332 a.C. que Alexandre, Imperador da Macedônia toma o Egito.

Outros impérios Africanos são estudados; como a civilização Cuxita (governado por rainhas como Shanakdakhete); Reino de Axum; Reino Cristão Etíope que no século quatro foi cristianizado devido às influências de Alexandria pelo Império Bizantino (posteriormente, Etiópia enfrentou conflitos de seus vizinhos muçulmanos e no período contemporâneo pouco tempo foi ocupada, de 1935 a 1948 por Egito e Itália); Reino de Gana (considerado o império do ouro); Império de Mali; Império de Kanem-Bornu; Civilização Ioruba; Reino de Benim; Reino do Abomé (e as lendárias amazonas negras); Reino de Achanti localizada na chamada costa do ouro (que Portugal em 1481 funda o famoso Forte São Jorge de Minas), Congo e Estado de Zulu. No século dezoito, nesse último, existia uma instituição com exército permanente de quase trinta mil soldados, seu rei, Chaca, foi responsável por métodos de guerra como o cabeça-de-búfalo que tinha por finalidade esmagar o adversário e dava a Chaca o título de “Napoleão negro”; e o Reino de Zimbábue que possui atualmente a maior ruína da África, a Grande Zimbábue, datada do século doze.

O capítulo quatro (Tráfico humano e escravidão na África) explora o tráfico negreiro, considerado uma das maiores tragédias da humanidade que teriam vitimado entre quarenta a cem milhões (ou sessenta milhões segundo Martin Luther King Jr) de escravos em três rotas diferentes; a rota oriental, a rota transaariana e a rota transatlântica. Acerca da escravidão, o direito na

época considerava o escravo um objeto, como nos estudos que mostram que navios que deveriam carregar quatrocentos e cinqüenta escravos, normalmente carregavam seiscentos, sendo comum a morte de metade da tripulação de escravos nas viagens.

O processo do tráfico era dividido em cinco etapas: captura, transferência para os portos, armazenamento, transportes aos navios tumbeiros e armazenamento até os portos de desembarque. Os Árabes iniciaram a escravidão anterior aos Europeus por volta do século sétimo, sendo que essa durou até o século dezenove e embora o escravo muçulmano tivesse uma vida melhor que no ocidente, sua condição ainda era horrível. O assunto em si é de difícil discussão, pois segundo o autor, ele está impregnado de emoção e afetividade, pois os Europeus, maiores responsáveis pela escravidão colonial e os Africanos que colaboraram com eles no processo escravocrata, aos seus modos, tentam se omitir, tornando o processo em si mais difícil ainda, como atestado na 3º Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata organizada pela ONU em 2001 e ocorrida na África do Sul. A ideia do “escravo natural”, como alegada por muitos é combatida pelo autor, pois na África não existia o mesmo sistema escravista Europeu, sendo que neste possuía a relação comercial visando o enriquecimento e acumulação de riquezas, seres que eram mercadorias e mercados regulares. O tráfico negreiro, portanto, é uma intervenção externa, Árabe e ocidental.

No quinto e último capítulo (Os Africanos que povoaram o Brasil e suas contribuições) Munanga calcula que quase metade da população do Brasil tenha origem no continente Africano, mas de difícil definição a partir das origens, pois Rui Barbosa, ministro de relações exteriores do Brasil no período imperial queimou boa parte dos arquivos. A Partir da África, três áreas são as principais de abastecimento de escravos ao Brasil; a área ocidental, a área do Sudão ocidental ou islamizado e a área dos povos de língua banta, estando nesse os maiores empréstimos culturais como os quilombos, originário do Banto de Congo e Angola e segundo estudos, existiram mais de duas mil comunidades quilombolas, possuindo mais de dois milhões de habitantes, sendo que Palmares foi o mais conhecido, tendo recebido mais de trinta expedições para derrubá-lo por iniciativas de Portugal e Holanda. Palavras portuguesas possuem origem no idioma Banto como bunda, quitanda, caçula, marimbondo, quiabo, jiló e cachimbo, além de outras influências como em confrarias como a Venerável Ordem Terceira do Rosário de Nossa Senhora das portas do Carmo ou as congadas ocorrendo em vários estados do Brasil assim como danças e rituais Bantos e Sudanesas como o Jongo, Maculelê, Maracatu, Bumba-meu-boi e Samba.

Em suma, *Origens Africanas do Brasil Contemporâneo* é uma importante obra acerca da África e sociedade africana, dada a limitação de estudos e obras ao tema, comparando-se com outros ramos da história. O estudo que Munanga

aponta em sua obra aprofunda nas antigas sociedades africanas, que posteriormente construíram parte da identidade de outras sociedades, como algumas das atuais sociedades do continente africano e do Brasil, em sua ligação cultural, política, econômica ou religiosa, entre outras que se possa abordar, nos cinco séculos desde o período colonial brasileiro que os povos desses dois continentes se comunicaram.

Nota

* Mestrando em História Social pela PUC-SP. Professor da Rede Estadual do Estado de São Paulo. E-mail: fabioantoniocosta@hotmail.com.

Recebido em: dezembro de 2010.

Aprovado em: abril de 2011.